



TECNOLOGIA X EDUCACIÓN: A FACE OCULTA DA INTERNET

Ernâni LAMPERT

RESUMO

O estudo, dividido em quatro partes distintas, porém interligadas entre si, aborda um tema atualíssimo, polêmico e político – que é consequência da política neoliberal imposta pelos países hegemônicos e que afeta a cultura e a educação da sociedade hodierna. **Tecnologia x Educação: a face oculta da Internet** é uma problemática que merece ser analisada criticamente e com diferentes olhares pela academia e segmentos sociais. Inicialmente, de maneira sinóptica, retroceder-se-á a história para localizar a ciência e a tecnologia. Em seguida, a Internet e a educação, em suas diferentes interfaces, são analisadas. Através de um estudo exploratório, cuja população/amostra é constituída de solteiros, casados e homossexuais, são analisados o conteúdo e o discurso que internautas do *chat* Terra utilizam para interagir, e são disponibilizados algumas inferências decorrentes deste estudo. Finalmente, a título de reflexão e estudos ulteriores, são apresentadas algumas considerações finais em relação a temática.

Palavras-chave: educação, tecnologia, internet

ABSTRACT:

This study, divided in four distinct parts, but interlinked to each other, approaches an issue that is very present, polemic and political – a consequence of the neoliberal policy imposed by hegemonic countries and affects cultural and educational issues of today's society. **Technology X Education: the hidden face of Internet**, is the kind of matter which deserves to be analyzed critically and under different views by the academy and social groups. At first, in a synoptical manner, there will be a historic overview to place science and technology. Following, education and Internet are analyzed, according to their different interfaces. Under an exploratory study, whose population/corpus is made up of single or married men and women, homosexuals, the contents and speech that internet users employ in the chat section of internet provider Terra are focused as well as it's shown some inferences resulting from this study. In the last part of the study, some highlights are presented for future studies and thinking.

Key Words: education, technology, Internet

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A ciência, ao longo da história da humanidade, sempre existiu. Suas raízes remontam ao período que precedeu o aparecimento da civilização. Na Antigüidade e na Idade Média, a ciência era incipiente, porque o contexto não era favorável e não havia interesse da classe dominante. A riqueza, em mãos dos nobres e sacerdotes, estava representada sobretudo pela propriedade imobiliária (terras e casas), pelos instrumentos de produção, pela mercadoria e pelos escravos. A economia era doméstica, não existia a grande indústria e a vida urbana tinha pouca importância, pois as classes ricas moravam nas suas propriedades rurais. Durante a Idade Média, os estudiosos, de maneira geral, preferiam ater-se às obras já escritas, que tinham uma autoridade infalível e se dedicavam à Teologia e à Filosofia. A circulação das idéias científicas estava limitada pela escassez e custos dos manuscritos. Poucos se dedicavam às ciências. Bacon (1214–1294), que preconizava a observação e a experimentação como único meio de se conhecer a verdade, foi uma exceção. A Idade Moderna, considerando as épocas anteriores, teve notáveis progressos em diferentes áreas do saber humano: Medicina, Astronomia, Matemática, Física, Química. Vários cientistas da época (Leonardo da Vinci, Galileu, Newton, Descartes), ainda são referências em estudos da contemporaneidade.

A expansão do comércio internacional, desde o século XIII, após as Cruzadas, propiciou a formação do capitalismo comercial, que surgiu principalmente na Itália (Gênova, Pisa, Veneza) e nos Países-Baixos. Este comércio marítimo possibilitou a acumulação de grandes capitais e instalou as feiras internacionais, onde a “letra da feira” e, mais tarde, a “letra de câmbio” serviram de referencial para as negociações. As feiras, substituídas pelas Bolsas, os novos valores imobiliários (os papéis), adquiriram a supremacia econômica. O capitalismo comercial e financeiro estimularam a ciência.

A sociedade contemporânea, ao longo de sua história, passou por distintas revoluções científicas, que redesenharam e redimensionaram as relações homem-mundo. A primeira revolução industrial, por exemplo, é um marco histórico, que afetou profundamente a relação patrão-empregado. Em 11 de março de 1776, quando a Birmingham Gazette divulgou que uma máquina a vapor havia sido posta em funcionamento em Bloomfield Colliery, ocorreu uma modificação importante no método de produção. O trabalho passa do estágio artesanal ao sistema fabril. Em 1800, a invenção de Watt já era uma realidade na sociedade inglesa. Na época, a máquina a vapor já era usada nas minas de carvão, nas minas de cobre, nas fundições, nas cervejarias e nas usinas de algodão. O aperfeiçoamento maquinário foi um processo muito lento, porém constante. O sistema fabril de grande escala representou um aumento extraordinário na produção e abriu caminhos para o lucro. A linha divisória, já existente, tornou-se mais acentuada. Os ricos ficaram mais ricos e os pobres, desprovidos dos meios de produção, mais pobres. Os artesãos, devido à competição da máquina, foram os primeiros a passarem de uma vida decente à miséria e, em estado de fome absoluta, buscaram emprego nas fábricas. Admitidos, inicialmente, cumpriam uma jornada de 16 horas diárias, e era necessário que se adaptassem à disciplina e às regras rígidas da fábrica. Com o intento desenfreado de lucro, mais tarde, o trabalho masculino foi substituído pela força feminina e infantil. A partir de sete anos, além de exploradas, as crianças pobres e órfãos eram maltratadas.

A grande indústria caracterizou-se por: substituir o trabalho manual pelo mecânico; requerer grandes e complicadas instalações nas fábricas; acentuar a divisão do trabalho; produzir produtos iguais em série e em grande escala; requerer grandes capitais; atender ao imperialismo econômico e mundial; e possuir fábricas em todos os países. A Revolução Industrial iniciou na Grã-Bretanha, por

questões políticas, econômicas, sociais e científicas. A Revolução Gloriosa (1688) estabeleceu um governo dominado por comerciantes e grandes agricultores, que, por sua vez, eram favoráveis aos interesses mercantis. Havia um sistema de patentes, que protegiam os inventos, e uma situação militar favorável. A Inglaterra acumulava grandes capitais e seu sistema bancário estava enriquecido. Havia abundância de combustível e o mesmo tinha um preço muito econômico. Havia muitos inventores e aconteceram inúmeros descobrimentos na indústria têxtil, na química, na siderurgia, etc. As condições de mão-de-obra eram propícias ao desenvolvimento industrial e o sistema corporático havia desaparecido.

O extraordinário desenvolvimento das ciências, na primeira metade do século XIX, é uma das características marcantes na Idade Contemporânea. Este notável desenvolvimento, em fins do século XVIII e primeira metade do século XIX, deve-se, principalmente: à aplicação de uma metodologia científica; à criação do Sistema Métrico Decimal; à criação de bibliotecas, laboratórios, observatórios, instituições científicas especializadas e museus; à invenção, aperfeiçoamento e desenvolvimento da especialização de certos aparelhos; ao aumento do número de investigadores e do nível de educação das massas; ao estímulo concedido por órgãos governamentais e particulares à investigação; à divulgação dos avanços científicos; e ao contato e colaboração entre os cientistas de todo o mundo.

No século XX, principalmente a partir da segunda metade, os avanços científicos e tecnológicos afloraram. A tecnologia produziu revoluções na microeletrônica, na biotecnologia, nas informações, nas comunicações, na medicina, nos transportes, enfim, em praticamente todas as áreas do saber. Novas ferramentas de trabalho, de bens e serviços foram criadas e recriadas. Velhos e antiquados modelos foram substituídos. A partir dos anos 90, a tecnologia, acoplada à informática, começou a revolucionar a humanidade.

O processo de globalização ou de mundialização, que é o fenômeno da sociedade contemporânea que mais afeta o dia-a-dia do indivíduo, foi capaz de mudar o paradigma das relações interpessoais, abrangendo praticamente todas as áreas: a economia, as finanças, a ciência, a tecnologia, as comunicações, a cultura, a política, a educação, etc. Este processo assimétrico favorece especialmente os países industriais, que mantêm, aproximadamente, 80% do produto bruto interno mundial. Por sua vez, 80% da população que vive nos países emergentes possui apenas 20% do PBIM. A tendência de concentração de riqueza nas mãos de poucos é uma das conseqüências da política neoliberal. Cada vez cresce mais o hiato entre os ricos e os pobres, horizontal e verticalmente. A fortuna de 200 multimilionários supera a receita de 2.500 milhões de pessoas e, aproximadamente, 1.300 milhão de pessoas vivem com menos de um dólar/dia. Korten (2001) referencia Klaus Schwab e Claude Smodja, respectivamente, fundador-presidente e diretor-gerente do Fórum Econômico Mundial, associação formada pelas mil maiores corporações transnacionais, os quais frisaram que: “- a globalização está ocasionando grave perturbação econômica e instabilidade social; - nos últimos anos, a tecnologia mais suprimiu do que criou empregos; e – a globalização produz situações em que o ganhador leva tudo: os que ficam no topo ganham muito e os perdedores perdem ainda mais.”

Para mudar este cenário de penumbra, que separa os países, há a necessidade de que os emergentes possam competir em nível mundial, investir em conhecimentos, tecnologia, manejo de informação e, sobretudo, preparar recursos humanos de alto nível. Daí a importância de uma educação não desprovida de valores morais e éticos, porém com um redimensionamento e uma redefinição para atender às demandas de uma sociedade cambiante, com enormes inseguranças e poucas certezas, o que é uma das características norteadoras de nossos dias. A educação é res-

ponsável pelo diferencial de crescimento entre os países industrializados e os emergentes, e deverá ser o investimento prioritário naqueles em vias de desenvolvimento. Competir implica incorporar o progresso científico para amenizar os hiatos entre os infoglobalizantes e os infoglobalizados. Isto significa investir em educação, ciência, tecnologia e pesquisa.

Em termos de planeta, é necessário um paradigma para que os diferentes povos - pobres, emergentes e ricos - possam viver em harmonia, evitando-se a exploração desenfreada e a dominação política, econômica, educacional e cultural. A educação, inserida neste contexto, assume um papel de capital importância, porém, necessariamente, deverá ser redimensionada. De acordo com Bernheim (2000), a educação deverá ensinar a vivermos juntos em uma aldeia planetária e desejarmos esta convivência para podermos nos transformar em cidadãos do mundo, porém sem perdermos nossas raízes.

A INTERNET E A EDUCAÇÃO

A sociedade atual, chamada de sociedade do conhecimento, de sociedade da informação ou da aprendizagem, está conectada principalmente na informática, que é um dos setores que tem crescido mais em todo o mundo. Nos países centrais, cada vez mais, a produção de bens básicos é substituída pela produção de conhecimentos e pela informação. O crescimento da economia está cada vez mais atrelado à produção, à distribuição e à aplicação do conhecimento. A educação, a comunicação e a informática são os serviços que têm se expandido enormemente.

A Internet, “estrada das informações”, é resultado de tecnologia de ponta. Mesmo que a rede esteja crescendo de maneira assustadora e, teoricamente, todos os países estejam conectados, o acesso a ela ainda é restrito. Muitos países, por falta de uma infra-estrutu-

ra de telecomunicações adequada, não conseguem atender à demanda da nova tecnologia. A Internet, em muitos países em vias de desenvolvimento, ainda não está disponível nos lares. Nos países industrializados, a realidade é diferente: de maneira geral, 50%, aproximadamente, dos que têm acesso são norte-americanos; 25%, europeus ocidentais; 8%, japoneses; e os restantes, do resto do mundo. No Brasil, calcula-se que 10 milhões de pessoas têm acesso. Se considerarmos a população de 170 milhões, verifica-se que o percentual ainda é incipiente, porém está em ascensão.

A Internet, originária dos Estados Unidos, surgiu em um momento histórico para atender à política do Império norte-americano. Nos anos 60, no apogeu da Guerra Fria, com a chegada dos mísseis nucleares, com o bloqueio a Cuba e com a Guerra do Vietnã, surge o interesse em desenvolver uma forma pela qual os computadores se comunicassem uns com os outros. Em 1969, com o nome de “Arpanet,” ela foi criada pelo Departamento de Defesa para auxiliar nas investigações militares. Em 1975, a Agência de Comunicação do Departamento de Defesa assume seu gerenciamento. Paulatinamente foi incorporada a outros departamentos e utilizada em centros científicos. A partir de 1981, seu uso começa a ser acadêmico e surgem as redes Bitnet, ligando as comunidades acadêmicas americanas à CSNET, conectando a pesquisa. Em 1992, nos Estados Unidos, surgem as primeiras empresas provedoras de acesso comercial à Internet. O maior desenvolvimento, porém, ocorreu a partir de 1993. A partir de 1994, começa a ter uso comercial.

A Internet, uma nova plataforma para a realização de negócios, não pode ser entendida como uma nova economia mas, sim, uma remodelação das antigas estratégias de comercialização de produtos, serviços e de distribuição de informações. Cabe registrar que, em 1988, através da Fundação de Amparo à pesquisa de São Paulo, o Brasil

entra na Bitnet. Atualmente conecta todos os Estados brasileiros e interliga milhares de computadores em instituições de todo o país, beneficiando, principalmente, os centros de pesquisas e instituições de ensino superior.

O advento da Internet se deve, basicamente: à evolução dos recursos tecnológicos (telefone, satélite, fibras óticas); ao aprimoramento de *softwares* e *hardwares* e à própria evolução da tecnologia que propiciou a diminuição dos custos dos computadores; e à possibilidade destes serem adquiridos por uma parcela significativa da população, especialmente nos países industrializados. Não se pode deixar de arrolar as inúmeras vantagens que a Internet apresenta, entre as quais destaca-se: a rapidez de processar as informações requeridas, por um custo reduzido; a diversidade e a complexidade de informações disponíveis e a facilidade de obtê-las; a possibilidade de se ter uma visão geral sobre o que acontece em termos de mundo globalizado; o conhecimento de procedimentos e de resultados de pesquisas; a viabilidade de se comunicar, sem sair de casa, de forma ágil e interativa, com pessoas de todo o planeta Terra.

Esta é, sem dúvida, uma revolução nas relações interpessoais, mas também apresenta contradições. Se, de um lado, é possível comunicar-se, com certa segurança, com pessoas próximas ou distantes, conhecidas ou desconhecidas, e conhecer-se culturas diversificadas, por outro, limita a relação pessoa/pessoa ao aspecto virtual e, muitas vezes, irreal. Silveira(2001), em seu artigo **Internet, gobierno y sociedad**, em que analisa a possibilidade de uma “democracia eletrônica”, fundada em uma assembléia virtual de cidadãos, menciona que o uso das novas tecnologia permite : - melhorar o desempenho do Estado como prestador de serviços; - facilitar o controle do cidadão sobre o desempenho dos responsáveis públicos; - possibilitar que a administração se volte às demandas dos cidadãos através de um diálogo mais fluido entre representantes e representados.

A Internet, como toda a tecnologia, apresenta vantagens, porém, também, inúmeras desvantagens. Um insignificante percentual de pessoas tem acesso, o que faz com que aumente, ainda mais, o hiato entre ricos e pobres. Mesmo havendo uma infinidade de informações sobre praticamente todos os temas, a abordagem superficial, a veracidade, a confiabilidade e a fidelidade dos conteúdos são aspectos questionados. A dificuldade reside em escolher quais são os mais significativos e úteis em nossa existência. Comumente a preocupação é de aumentar as informações sem uma perspectiva qualitativa.”O problema é saber buscar e saber selecionar estas informações. A questão não é a falta, mas o excesso de informações disponíveis” (Mercado, 2002:196 b). Através de um bombardeio de serviços e produtos oferecidos, a privacidade das pessoas não é respeitada. Ninguém pede licença para entrar. Uma infinidade de produtos, muitos de fabricação duvidosa, são colocados à disposição do usuário, que não necessariamente está interessado em comprar e consumir. Outra desvantagem, que ultimamente é um fenômeno universal, é a pedofilia: crianças e pré-adolescentes são explorados sexualmente e violentados; além disso há do tráfico de drogas, de armamentos bélicos e de redes de prostituição. Cabe registrar, também, que a rede “apimentou” as relações extra-conjugais. Mulheres e homens, até então acomodados em suas famílias, vêem-se deslumbrados com a possibilidade de satisfazer suas fantasias sexuais e amorosas.

A Internet afetou diferentes áreas do conhecimento humano e redimensionou a cultura. Para Sacristán “o que afeta à cultura, em geral, afeta a educação, pela simples razão de que os fenômenos educacionais são também de inculturação. Por isso, que acabam afetando a todos os sujeitos.” (2002:70). No campo da educação, a Internet surge como uma poderosa alternativa para amenizar e equacionar alguns problemas históricos: interdisciplinariedade, intercâmbio cultural, interação social, educação à distância, atualização das

informações, custo da educação, formação e atualização de professores. Pode tornar-se uma mídia poderosa para aprender e ensinar e estabelecer canais de comunicação e cooperação entre estudantes de diferentes instituições escolares. "... Sua utilização apresenta novas perspectivas de acesso e construção colaborativa do conhecimento, potencializando o processo ensino-aprendizagem e a construção de novos conhecimentos" (Teixeira, 2002:80). Atualmente, consegue integrar texto, imagem e som a um custo barato, com rapidez, flexibilidade e interação até há pouco impossíveis. "As novas tecnologias podem integrar diferentes formas de expressar e de comunicar a experiência: englobam a palavra falada e a escrita com sons e imagens, constituindo, por um lado, um desafio para a transformação dos códigos de comunicação dominantes nos procedimentos educacionais escolares, centrados até agora sobretudo na linguagem escrita e falada" (Sacristán: 2002: 64). A educação presencial, com a utilização das redes eletrônicas, poderá mudar significativamente o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Moran (1998), na Internet encontramos diferentes tipos de aplicações educacionais: a divulgação de projetos e de pesquisas; a pesquisa propriamente dita; e atividades de apoio (textos, imagens, sons). Litwin (2001) é de opinião que a maior força dos portais está na possibilidade de se realizarem projetos conjuntos, que oportunizam intercâmbio de propostas, enfoques e soluções para problemas científicos, comunitários e sociais.

Stumpf (1997) realizou estudo com docentes pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sobre o uso da Internet. Dividiu os docentes pesquisadores, todos com o título de doutor e com dedicação exclusiva, em três segmentos: ciências exatas, ciências biomédicas e ciências sociais e humanas. O questionário, instrumento de coleta de dados utilizado, constou de 20 questões, abertas e fechadas, e versou sobre seis grandes temas: uso do computador, acesso à Internet, uso do correio eletrônico, publi-

cações eletrônicas, influência na produtividade e uso de outros serviços. Como resultado, de maneira geral, pode-se destacar que o correio eletrônico é o serviço de maior uso por parte dos docentes pesquisadores. O estudo evidenciou que, nas áreas de Ciências Biomédicas, onde as informações científicas são mais velozes, os investigadores têm mais necessidade de obter e de enviar informações entre si. Em relação à influência da Internet na produção científica, de modo geral, os investigadores consideram que a mesma não foi afetada, pois é somente um recurso que permite a obtenção e a transmissão de informações.

Bassani (2000) assinala que a Internet pode ser incorporada, para facilitar a divulgação de projetos interdisciplinares, por oportunizar o intercâmbio de informações e propiciar novas formas de relações interpessoais. Se ela for utilizada nas escolas, para o desenvolvimento do saber fazer e do saber conhecer, permeado pelo saber conviver para saber ser, constituir-se-á em uma ferramenta importante na tomada de consciência da necessidade da utilização de esforços para alcançar objetivos comuns e construir um mundo melhor. A Internet, permitindo a interação de vários elementos, favorece o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar. Para Sacristán (2002), a entrada das novas tecnologias significa uma aceleração de processos já existentes e também a introdução de inovações transcendentais na maneira de experimentar a realidade, no uso da linguagem, nas formas de ler e escrever e na comunicação de maneira geral.

A Internet é uma ferramenta que propicia novas formas de interação social. Rompe a idéia de espaço. Um cidadão, sem sair da frente do computador, é capaz de se comunicar com indivíduos de diferentes cidades, países e continentes. Possibilita ao homem, sem se locomover, conhecer e interagir com culturas até então desconhecidas. Os computadores possibilitam o desvelamento de novas formas de expressão.

Por outro lado, o uso da Internet, sem critério, deve ser questionado pelas autoridades educacionais e pela academia. Armstrong alerta que “passar horas em frente a uma tela de computador pode facilmente empobrecer, e não nutrir as jovens mentes” ... “A interação com o computador oferece pouco mais do que as crianças já recebem em demasia da televisão”(2001:5). Quanto ao uso da Internet entre crianças, o autor menciona o estudo do pesquisador canadense Remi Dussault, que visitou mais de 40 escolas e observou, aproximadamente, mil alunos de quinta e sexta séries enquanto trabalhavam na Internet. Durante o período de uma hora, os discentes visitavam 15 a 20 *sites* da rede. Observavam as imagens mais do que o texto e eram incapazes de assimilar o que haviam pesquisado. Muitos alunos apenas se excitavam assistindo a vídeos de *rock*. O autor, também, faz referência a um estudo americano, o qual assinala que a nova biblioteca eletrônica da Internet é tão complexa que é praticamente impossível a um adulto, sem o auxílio de um bibliotecário, orientar-se. Saliencia que a Internet pode facilmente causar um declínio na qualidade das informações disponíveis às crianças. Armstrong é de opinião de que muitas pesquisas e cuidadosas reflexões precisam ser dedicadas ao uso de computadores, tanto na escola quanto nos lares, e seu uso, especialmente nos primeiros anos escolares, é uma experiência, cujos benefícios ainda não foram comprovados.

Carvalho, em artigo publicado pela Zero Hora, alerta que o mau uso da Internet sabota o estudo. “Diante do computador conectado à Internet, qualquer criança poderá assinar uma tese acadêmica. Para inquietação de professores, instituições e pais, endereços eletrônicos oferecem trabalhos escolares e universitários prontos sobre qualquer tema” (2002:4). Este fenômeno é antigo e não é somente consequência da megarrede; muitas vezes é usual, tanto no ensino médio quanto no universitário; e merece atenção e reflexão por parte da academia. O professor, responsável direto

pela situação de ensino-aprendizagem, necessita estar atento, e estas questões precisam ser discutidas com os alunos. Sabe-se que o problema não é a Internet e, sim, o uso que é feito dela. Em relação a esta problemática, Thums diz que “...o problema está no professor e no aluno, nas relações e no conhecimento desenvolvido e produzido em aula. É preciso acabar com o professor fazendo de conta que ensina e o aluno fazendo de conta que aprende. O conhecimento, por definição, envolve compromisso, responsabilidade e ética” (2002:5).

Para que as novas tecnologias, especialmente a Internet, possam ser utilizadas na educação, é necessário que todos os envolvidos, grupos diretivos, professores, alunos e comunidade acadêmica, tenham uma mudança na mentalidade. Urge que a tradicional cultura de academia sofra rupturas e uma nova mudança de cultura, de concepções, de paradigma seja criada e implementada, na qual o papel de professor e de aluno terá que, necessariamente, sofrer mudanças drásticas. De informador e de receptor, respectivamente, passarão ambos à produtores de conhecimentos. Segundo Mercado (2002 a), com as novas tecnologias, a sociedade do conhecimento exige um novo perfil de educador, ou seja, alguém comprometido, competente, crítico, aberto às mudanças, exigente e interativo. Marques e Caetano (2002) são de parecer de que a Internet poderá mudar, em grande parte, o perfil docente, propiciando a diversificação das suas práticas pedagógicas. A Internet possibilitará acesso aos mais atuais acontecimentos, à troca de informações de âmbito global, a interação entre colegas conhecidos/desconhecidos, que poderão trocar informações e dúvidas sobre o processo de ensino-aprendizagem. Para Magdalena e Costa, as novas tecnologias exigem uma ruptura epistemológica e ideológica. Epistemológica, porque “...desprege-se de alguém que ensina para muitos que investigam e aprendem juntos” (2003:56). Ideológica, porque oferece uma escola livre, onde o estudante tem a possibilidade de obter

informações além dos muros da escola, tomar consciência dos porquês de determinadas situações e entender os processos que geram determinados estados. Em relação a esta temática, Moran assereva que “ensinar com a Internet será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas educacionais, se ensinar e aprender se tornar um processo mais participativo, compartilhado, que nos ajude a integrar todas as dimensões da vida e a compreendê-las em níveis mais profundos. Caso contrário, a utilização da Internet será um paliativo, *marketing* ou um meio de comunicação mal aproveitado como tantos que temos à disposição (1998:245).

A FACE OCULTA DA INTERNET – ESTUDO EXPLORATÓRIO

A rede precisa ser mais pesquisada, porque é um recurso disponível há pouco tempo e não se sabe com exatidão até que ponto sua utilização é propícia ou prejudicial. A quantidade de conteúdo que pode ser encontrado e o poder de mudar rapidamente é um obstáculo para analisar este valioso recurso de uma maneira global. Sundi (2002) assinala que a rede precisa ser examinada em pequenas porções, numa tentativa de digerir e organizar o conteúdo. Com base nesta afirmação, procurou-se, através de um estudo exploratório, elucidar alguns fragmentos e, ao mesmo tempo, estimular os pesquisadores a desencadear ou aprofundar questões sobre este veículo de comunicação sem fronteiras. Objetivou-se, em síntese:

- traçar o perfil dos internautas que utilizam o chat do provedor Terra;
- verificar como diferentes atores (casados, solteiros, homossexuais) utilizam a Internet para interagir e se integrar na sociedade;
- analisar o discurso e a ação que os internautas utilizam na interação sujeito/sujeito;

- analisar a face oculta da Internet.

A pesquisa, prioritariamente, envolvendo a grande Porto Alegre e principais cidades do Rio Grande do Sul (Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, Caxias do Sul, Passo Fundo) abarcou, também, internautas de outros Estados brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo, Pará, Santa Catarina, Paraná, Distrito Federal). Para aproximar-se do internauta e obter respostas aos objetivos propostos, foram constituídos dois grupos distintos de trabalho.

O primeiro grupo de seis pesquisadores procedeu da seguinte maneira para obter as informações na coleta de dados:

- navegar, de forma sistemática, em horários pré-determinados, nos chat Terra para conhecer e identificar os internautas;
- selecionar os candidatos, intencionalmente, de acordo com os objetivos da investigação (solteiros, casados, homossexuais);
- manter, via Internet, *e-mail* ou telefone celular, contato com o internauta, com o objetivo de conhecê-lo, sem que este soubesse do estudo;
- marcar encontro com o internauta com o objetivo de conhecê-lo; (em muitos casos, devido à dificuldade de se obter as informações, o encontro ocorreu um mês após o primeiro contato);
- agradecer, via telefone ou *e-mail* o encontro;
- enviar, via Internet, o resultado do estudo.

O segundo grupo, através de entrevista semi-estruturada, gravada com o consentimento dos entrevistados e posteriormente transcrita para facilitar a leitura e a interpretação, abarcou outra população: “pessoas que navegam regularmente no *chat* Terra com o

objetivo de interagir e conhecer pessoas.” Esta, realizada pelos próprios investigadores ou pessoal treinado para este fim, em local determinado, versou sobre:

- perfil do internauta (faixa etária, profissão, escolaridade, situação profissional e familiar, tempo e frequência do uso da Internet);

- uso da Internet (motivo, opção, experiências bem sucedidas, expectativas, etc.);

- discurso e ação utilizada;

- preconceitos. .

A população/amostra do primeiro grupo, intencionalmente constituída, contou com 24 internautas (advogado, médico, dentista, administrador, professor, enfermeiro, bancário, funcionário público, comerciante, farmacêutico, agente de turismo, analista de sistema, jornalista, militar, universitário, vendedor, pedreiro, profissional do sexo). Com raras exceções, todos possuem curso superior, alguns com formação acadêmica no exterior. Aproximadamente 80% eram do sexo masculino. A faixa etária oscilava de 20 a 50 anos e alguns eram casados.

A população/amostra do segundo grupo, também escolhido intencionalmente, foi constituído de 18 pessoas (professor, advogado, universitário, desempregado, dona de casa, funcionário público e auxiliar de escritório). A população do segundo grupo, aparentemente, possuía grau de escolaridade inferior à do primeiro grupo. Alguns questionamentos merecem atenção em relação a este fenômeno:

- uma porcentagem pequena de pessoas verbalizam que acessam a rede com o intuito de se relacionar ou encontrar um parceiro e poucos destes se predispõem a participar de pesquisas desta natureza; dificilmente um profissional liberal verbaliza que “namora

virtualmente”, porém, é senso comum aceitar que esse profissional acesse a rede para se atualizar;

- não se tem comprovação fidedigna de que o discurso dos internautas do primeiro grupo seja confiável e verdadeiro.

ANÁLISE / DISCUSSÕES DOS DADOS E RESULTADOS

Para analisar os dados, utilizaram-se pressupostos da análise de conteúdo e de discurso. Ao contrário da análise de conteúdo, que procura extrair sentidos dos textos, a análise do discurso considera que a linguagem não é transparente; a análise do discurso indaga “como este texto significa”. “A análise do discurso não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade” (Orlandi, 1999:18).

A análise do discurso trata do discurso e não da língua ou da gramática, porém as coisas da língua e da gramática interessam a ela. Para Orlandi, o discurso é “assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”... “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (1999:15). A análise do discurso, que concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural, permite conhecer melhor o que faz o homem ser um sujeito especial com sua capacidade de significar e significar-se. A análise do discurso trabalha a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido, enquanto parte de suas vidas,

enquanto sujeitos ou membros de uma determinada forma de sociedade. Através do discurso, é possível observar a relação língua e ideologia. A análise do discurso procura compreender como os objetivos simbólicos produzem sentidos. Ela não estaciona na interpretação. Trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte do processo de significação. Portanto, a análise do discurso objetiva compreender como um objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significância para os sujeitos.

Segundo Orlandi, o discurso não pode ser entendido como um mero conjunto de frases. Ele é, além da soma das frases que o constitui, uma totalidade lingüística específica. Não é possível reduzir o discurso à análise da língua; ele é o contato entre língua e ideologia. A tarefa da análise do discurso é “analisar os processos característicos de uma formação discursiva que devem dar conta da articulação entre o processo de produção, discurso (aí incluída a língua) e as condições em que ele é produzido” (1996:298).

Na análise do discurso, a organização lingüística do texto não interessa, mas, sim, como ele organiza a relação da linguagem com a história, no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. Procura compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A análise do discurso não é um procedimento estático, mas um ir e vir. Assim, o modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura, que constituem os sentidos do texto, interessam à análise do discurso.

O que caracteriza o discurso não é a tipologia, mas seu modo de funcionamento. E o texto não é definido pela sua extensão. Uma palavra pode significar um texto. A palavra é o signo ideológico, produto da interação social, e se caracteriza pela plurivalência. “Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma

ou outra formação discursiva”. A linguagem não pode ser estudada fora da sociedade, porque os processos que a constituem são histórico-sociais.

É oportuno frisar que uma análise não necessariamente é igual a outra, porque materializa conceitos diferentes, e isso gera resultados cruciais na descrição dos materiais. Além disso, cada analista tem olhares diferentes e pontualiza aspectos prioritários. É fundamental que o analista, ao proceder à análise do discurso, parta do dizer, de suas condições e da relação com a maneira, com o saber discursivo, para delinear as margens do não-dito, que faz os contornos do dito significante. Sabe-se que não é tudo que foi dito. É só o não dito que é relevante para aquela situação significativa. É mister considerar que há sempre no dizer um não dizer necessário. Segundo Orlandi (1999:59), a análise do discurso procura colocar “o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em lugar como o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. A análise do discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica” (1999:59).

A partir da análise dos dados coletados pelos dois grupos, pode-se explicitar, a título de inferência, algumas ponderações:

- 1) A Internet é uma realidade que faz parte do cotidiano de um grande número de brasileiros. As pessoas mais abastadas e pertencentes à classe média dispõem deste recurso em seus lares, escritórios e consultórios. O segmento, menos privilegiado economicamente, utiliza a Internet no seu trabalho. Assim, mesmo que a incidência maior seja de pessoas de classe privilegiada, a classe popular, em menor percentual, também tem acesso. Diferentes atores sociais (advogados, médicos, dentistas, administradores, professores,

enfermeiros, bancários, funcionários públicos, comerciários, farmacêuticos, agentes de turismo, vendedores, analistas de sistemas, jornalistas, militares, profissionais do sexo, universitários, auxiliares de escritório, secretários, pedreiros, desempregados, donas de casa) utilizam a rede para interagir com outros sujeitos. Comumente, em horários pré-determinados, os internautas - alguns expansivos, outros mais tímidos - com um *nick* (identidade falsa: Casado carente, Tarugo, Valho a pena, Gordinha gostosa, negão, Gato, Bezerrinho, Deliciosa, Descasado, Zangão, Grisalho, Só, Selvagem, Anônimo, A procura de mulher) acessam a rede para se comunicar, interagir e alcançar propósitos bem definidos.

2) A Internet serve para a realização de pesquisas, estudos, esclarecer dúvidas, saber a previsão do tempo, jogar, divertir-se, comunicar-se, interagir, brincar com os sentimentos dos outros, “curtir uma sacanagem”, expressar fantasias e sentimentos reprimidos, desenvolver a imaginação, traír ou atrair companheiro, conhecer pessoas interessantes, sair do anonimato e da solidão, namorar virtualmente ou pela simples curiosidade de viver de fantasias.

3) A escolaridade dos internautas, de modo geral - comparado com o grau de instrução do povo brasileiro - é alta. Porcentagem significativa possui curso superior e seus textos são bem elaborados e apresentam correção lingüística. Referindo-se a este contexto, Moran (1998) assinala que as pessoas se esforçam para escrever bem, para comunicar suas idéias, para ser bem aceitas e não “fazer feio”. Para Sacristán (2002), o desenvolvimento das redes de comunicação voltou a atribuir ao texto um renovado protagonismo, que havia perdido nos meios audiovisuais. Do conjunto dos 24 (do primeiro grupo) discursos analisados, dois, que alegavam serem formados em turismo, apresentavam textos com erros ortográficos elementares, e eram mal estruturados.

4) Face à ideologia capitalista predominante, onde o tempo é capital, os resultados devem ser imediatos; os meios e valores não necessariamente precisam ser considerados. Os internautas, no seu discurso, utilizam um código de palavras e de *emotions* para reforçar a fala-escrita. Apresentam-se alguns símbolos/significados e *emotions* comumente utilizados.

Vc – você
 Qh – qualquer hora
 Pq – porque
 A – ativo
 P – passivo
 A/p – ativo/passivo
 Nick – identidade
 Tb – também
 Bs – beijos
 Kd vc – cadê você
 Blz - beleza
 Tct – tamanho do pênis
 Tudo – topa qualquer sacanagem

O uso de *emotions* junta-se a essa “fala-escrita” de modo a reforçar a expressividade dessa “fala”, procurando “mostrar” sentimentos, emoções, etc. Descreve-se alguns dos mais utilizados na rede: :-) Sorrindo, :-D Gargalhando, ;-) Piscando, :-(Triste, :’-(Chorando, :-@ Gritando, :-o Atônito/a, :-* Beijando, :-P Mostrando a língua, :-\ Indeciso/a, :-# Lábios selados, } } } } } :-) Cabelo grande, :\ Nervoso/a, entre outros.

É necessário saber que, mesmo no uso mais aparentemente cotidiano das siglas, não há neutralidade; que todo o discurso tem seu sujeito e não há sujeito sem ideologia. A ideologia faz parte, é condição à constituição do sujeito e dos sentidos. Um dos pontos fundamentais é ressignificar a noção de ideologia a partir da linguagem.

5) O discurso, com alguma exceção, versa sobre a descrição física (altura, peso, idade, cor da pele, olhos e cabelos). Estes são elementos indispensáveis. Se a pessoa tiver idade avançada, também há uma certa

resistência em divulgá-la. Raramente são expressos aspectos do caráter. As deficiências (calvície, rugas, manchas na pele, uso de óculos, dentes escuros, mãos calejadas) não são expressos. O discurso, com poucas exceções, caracteriza-se por objetividade, pragmatismo e aspectos pontuais. Os exemplos dos discursos evidenciam essa característica:

“Procuro um coroa gordinho e carinhoso para transar agora à tarde.”

“Alguns gatinho a fim de uma real.”

“Alguém sarado está a fim?”

“Tô a fim de conhecer alguém.”

“Oi, a fim de quê?”

“Tô a fim de muita sacanagem.”

“Sou tarado por gurizão.”

“Alguém a fim de fazer sexo seguro hoje?”

“Não busco sexo apenas, cansei! Tô a fim de mais.”

“Não faço propaganda do que faço na cama, mas quem já experimentou nunca reclamou; quem prova do mel não se contenta com açúcar.”

“Alguém a fim de um encontro?”

“Alguns peludo na sala?”

“Procuro somente envolvimento para sexo.”

“Busco uma pessoa inteligente, de preferência casada e que não queira se envolver.”

“Estou em busca de realizar fantasias, tanto minhas como a da pessoa que estiver comigo.”

“Busco alguém que queira passar momentos agradáveis... sigilo... sem cobranças... só carinho, amizade, sexo.”

“Quero algo completo: barba, cabelo e bigode”.

Percebe-se que o interesse recai sobre o sexo e, mesmo que o discurso seja direto, intencional, observa-se, na grande maioria, que ele é realizado com certo respeito. Dificilmente há conflitos, discussões acirradas. Talvez porque em cada sala haja um controlador. Braga (1999) salienta que uma das características diferenciadas entre *chats* na rede é o diálogo face a face. Todas têm a pos-

sibilidade de se expressarem de forma inter-cruzada sem provocar ruídos no fluxo comunicativo.

O discurso dos internautas não é algo descontextualizado. A Internet está inserida num contexto histórico e político em que a hegemonia capitalista é impositiva e pode tudo. Lucros, comunicação sem fronteiras, mundo virtual, sexo seguro, economia de tempo, beleza física são ideologias presentes e aceitas como indispensáveis à sobrevivência da espécie. Nesta exterioridade, o internauta se comunica e interage para alcançar seus objetivos, comumente imediatos. Na sala de “homossexuais”, o discurso, de modo geral, apresentava uma certa uniformidade e evidenciava-se respeito às opções sexuais dos internautas (passivo/ativo). Por sua vez, na sala de casais e de imagens, com frequência, o discurso se caracterizava pela linguagem vulgarizada. Esta afirmação encontra respaldo em Moraes, que afirma que, “nas salas sobre sexo, namoro e erotismo, são freqüentes insultos, pornografias e intromissões descabidas. Claro indício de que a atmosfera de desrepressão por vezes se confunde com catarses e liberação de instintos difusos. Para certas impropriedades há antídotos virtuais” (2000:29).

6) Outro aspecto que merece ser referenciado é o espaço geográfico. Quanto mais próximos estiverem os internautas, mais objetivo é o discurso e a aproximação (encontro físico), geralmente, ocorre logo. Os dois exemplos ilustram melhor a argumentação. No primeiro caso, os dois internautas residem na mesma cidade:

- “Oi, tudo bem? Estou te escrevendo. Meu telefone éMe liga à noite.”

- “Que bom que vc escreveu. Não sei se vai ser possível te ligar à noite. Posso te ligar amanhã?”

- “Estava viajando? Te liguei todo dia, porém não atendeu. Vamos nos encontrar hoje à tarde?”

“Ok. Marcamos às 14h para nos encontrar no Shopping. Ok?”

No segundo, um dos internautas reside no sul e o outro na região norte do Brasil.

- “Fiquei muito contente com sua mensagem inicial. Mostrou que cumpres a palavra dada, e que o meu voto de confiança dado a vc, não foi em vão. Fico nas salas de chat de vez em quando para ver se encontro alguém interessante, que valha a pena manter um contato mais próximo. Hoje, tive muita sorte porque encontrei vc. Agora tenho a chance de conhecer melhor. Como sempre estive envolvido com grandes projetos, ficou um vazio na vida afetiva. Acredito que o amor é uma realidade no mundo, e que vivenciá-la cabe a nós, para que possamos ser felizes na totalidade. Sou de bem com a vida, muito alegre.”

No segundo dia: “Estou muito contente com esta nossa aproximação. Não sei ao certo onde isso vai acabar, mas espero que fique pelo menos uma grande amizade. Vi Iris e gostei muito tanto da história quanto da interpretação. Outro filme interessante que assisti foi “Abril despedaçado”. Finalizo esta mensagem pedindo para que vc fale mais de ti, pois sei muito pouco de ti. E tenho um interesse em te conhecer melhor. Muito mesmo.”

7) Os casados bissexuais possuem, em seu conjunto, característica “neura”. Na Internet, comumente, expressam o seu estado civil, suas opções e exigências, e são afetivos no seu discurso. Nas mensagens, via correio eletrônico, são pontuais, discretos, objetivos e reservados. No contato telefônico, sempre celular, procuram conhecer o mundo do “parceiro em questão” e este necessariamente deverá ser casado também e, preferencialmente, ter filhos. Na véspera do primeiro encontro, através do celular, é certificado o estado civil do companheiro/preendido. No encontro, o mais discreto possível e em que a “pressa” faz parte do jogo, conhecem-se. Se não houver uma “química”, a relação acaba ali mesmo, sempre com a afirmação: “Me

escreve/telefona para nos conhecermos melhor”. Se um dos envolvidos escrever, não obterá resposta, e se telefonar não é atendido. A relação acaba porque a ilusão acabou.

Em relação aos casais heterossexuais, o discurso do homem é semelhante. Quero sexo sem envolvimento, sem compromisso. Adoro minha mulher e família. Depois do nascimento do nosso filho, a mulher não é mais a mesma. Preciso alguém ... estou tão carente. Queres ser minha amante? Tentei, porém, não consigo aquecer a nossa relação. Eu e a minha mulher estamos brigados. Estamos nos separando. Agora não tenho como te assumir. Necessito tempo para me restabelecer. Os solteiros, talvez pelas perspectivas e expectativas, utilizam mais a Internet com o intuito de paquerar, conhecer alguém para “dialogar, trocar idéias, namorar e até assumir um compromisso sério”. Há inúmeros relatos de jovens que conseguiram “namorado(a)” através da internet e estão se encaminhando para um possível casamento.

8) Praticamente todos os internautas são de opinião de que interagir, conhecer alguém, via Internet, é algo emocionante, porém extremamente estressante. “Nunca se sabe se aparecerá um príncipe ou um sapo”, “um assaltante...um marginal..., uma pessoa educada, um neurótico”. “O encontro foi decepcionante”. “É uma prova de resistência. Tanto tempo, tanto esforço, tanta preparação para nada”. Através das verbalizações é possível visualizar melhor esta afirmação.. “Como sou ignorante em confiar em alguém que nem conheço.” Quando trabalhada a variável “raça”, observou-se que o afro-brasileiro, no seu discurso, sempre deixa claro que tem pele escura e, na maioria das vezes, descreve-se e se identifica como negro. Por sua vez, o árabe e o judeu, talvez pelo fato de sua pele ser branca, não deixam transparecer isso no discurso e, se são questionados sobre o tema, de maneira geral, se omitem. Observou-se que, em algum contexto, aparece explicitado no discurso o preconceito a negros: “dispenso

negros”. Por outro lado, evidenciaram-se anúncios em que o internauta solicita ou se oferece naquilo que o imaginário considera especial : “negro avantajado”, “mulata de coxa grossa e lábios grandes”. Em relação ao judeu, mesmo que o internauta tenha preconceito, este não é dito no seu discurso. “Jamais me envolveria com um judeu, só pensa no dinheiro”. “Não posso expressar meu ódio nas teclas...os meios de comunicação estão nas mãos dos judeus”. “Quando conheço um judeu na Internet, minha fúria é tão grande...tão grande, que saio correndo para o banheiro da Universidade e encho as paredes e portas com palavras”. Em contrapartida, foram observados discursos em que o internauta busca “judeu” por considerá-lo um povo higiênico, culto, próspero e rico.

As verbalizações deixam claro que há um preconceito implícito e explícito em relação ao judeu. Este fenômeno não pode ser encarado como algo isolado e pontual. Está inserido no atual contexto mundial, onde, por inúmeras vezes, por iniciativa dos universitários europeus, estudantes americanos e europeus boicotam Israel, devido à política adotada em relação à Autoridade Palestina. Este boicote tem afetado a indústria, o comércio, o setor artístico e está preocupando os dirigentes, pois as exportações israelenses para a União Européia caíram, aproximadamente, 20% no primeiro semestre de 2002. Cabe frisar que, após o atentado de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, os internautas têm um certo receio de se aproximarem ou de interagirem com “árabes” por suposição de estarem envolvidos com o terrorismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certo modo, as instituições escolares e as universidades, em sua grande maioria, estão levando a cabo o processo de ensino/aprendizagem de forma descontextualizada, desatualizada e tentando preparar cidadãos para um mundo que não existe mais

e dificilmente voltará a existir. A cultura vigente e a sua transformação são desconsideradas. Há um divórcio entre a realidade e o ensino. A complexificação da realidade, sua ambigüidade e suas contradições não são consideradas e analisadas. Os objetivos de ensino propostos são geralmente ultrapassados e não atendem mais às expectativas dos educandos, que estão inseridos em uma realidade dinâmica, cheia de paradoxos e de concepções antagônicas. Os conteúdos defasados, de pouca significação, são abordados de forma fragmentada e linear. Os métodos de ensino, com exceções, continuam medievais e desprovidos dos recursos tecnológicos de última geração, que estão presentes no dia-a-dia dos cidadãos. O sistema de avaliação ainda está preso à memorização e à fixação de conceitos, princípios, regras, enunciados, todos questionáveis e, muitas vezes, superados. A interação professor/aluno, na maioria das vezes, é autoritária, vertical e se caracteriza, em muitos casos, pela troca de acusações e agressões verbais. Este fenômeno, em muitos casos, é consequência da realidade cruel vivida, tanto por parte dos discentes, quanto dos docentes e do contexto atual.

Por outro lado, a ciência e a tecnologia, atrelados aos interesses dos grandes conglomerados e dos países centrais, apresentam um progresso extraordinário que, muitas vezes, vai além da imaginação do homem. Os investimentos e as aplicações nesta área garantem um retorno, não necessariamente social, mas financeiro, o que favorece os interesses de um pequeno grupo. A megarede, criada com o objetivo de controlar, facilitar e colaborar com alguns em detrimento de tantos outros, está no centro do contexto atual, que favorece principalmente a globalização financeira/econômica/comercial. Ao mesmo tempo que privilegia determinados grupos, possibilita a outros, economicamente bem situados, criar e realizar serviços específicos sem sair de casa e comunicar-se sem fronteiras. Todo este processo, intencionalmente planejado e colocado à disposição da sociedade –

àqueles que têm acesso - favorece enormemente o cotidiano das pessoas. Por outro prisma, é mister indagar a respeito deste processo, seus efeitos, benefícios e prejuízos à população de maneira geral, tanto nos países industrializados quanto nos emergentes. Esse *boom* traz, de imediato, o desemprego, o subemprego, o comércio informal, o processo de imigração, a violência, os seqüestros, os roubos, o tráfico de drogas, etc.

“As últimas tecnologias da informática e da comunicação, cuja aplicação é viável em praticamente todas as tarefas humanas, permitem que a técnica domine o pensamento, a consciência, a razão, o afeto do homem sem que esse se aperceba. O homem perde seu referencial de valores morais e éticos e é levado pela superficialidade e utilidade dos artigos industriais, não necessariamente indispensáveis à vida, à sobrevivência da espécie. Tudo é analisado à luz da técnica, de forma descontextualizada. É necessário analisar a tecnologia de diferentes olhares: político, econômico, social, cultural, educacional e instrumental. É imprescindível considerar o processo histórico e os fatores que propiciaram a construção da tecnologia, a ideologia política implícita e subjacente, bem como os efeitos culturais e educacionais que norteiam esse processo, pois a tecnologia reestrutura todo o mundo social é capaz de agir sobre a natureza, usá-la e até destruí-la. Sabe-se que a tecnologia, ao mesmo tempo que é capaz de produzir melhorias de vida, perturba o modo de vida do homem. Ao mesmo tempo que o desenvolvimento tecnológico é usado na maioria das vezes para aumentar a produtividade e a rentabilidade de alguns poucos, aumenta o desemprego para muitos, desregulando a dinâmica social” (Lampert, 2000:78 a).

A Internet, ao mesmo tempo que possibilita acesso ao conhecimento, deixa hiatos profundos nas relações interpessoais, que já estavam bastante afetadas nas últimas décadas. Os valores morais e éticos, já abalados, com o

uso da Internet, são praticamente substituídos pelo individualismo, pelo pragmatismo, pelo mecanicismo e pelos valores físicos, o que dificulta ainda mais o trabalho dos professores na educação básica e superior. As instituições de ensino estão formando um contingente cada vez maior de indivíduos acrílicos e alienados, que têm dificuldades para analisar a realidade circundante e para inserir-se como sujeitos históricos. Recuperar a educação integral é dever da educação familiar, da escola, da academia e de todos os segmentos da sociedade. Como os diferentes atores sociais podem proceder e agir, se a tecnologia não necessariamente está a serviço da educação? Essa indagação de capital importância surge da reflexão e da ação. A educação problematizadora de Freire (1996) e a interdisciplinariedade, que têm sua própria trajetória, poderão ser uma janela na formação de cidadãos engajados e inseridos em uma sociedade que se caracteriza pela mudança. “Interdisciplinariedade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de integração das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual” (Lück, 1994:64).

A tecnologia em si não é prejudicial, mas o mau uso que é feito dela, sim. Daí vem à tona outro questionamento: Como é possível aliar a tecnologia à educação formal/informal com o intuito de formar cidadãos cosmopolitas comprometidos com a cidadania e com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e humana? A Internet, com sua curta trajetória, afetou, talvez como nenhum outro recurso, a cultura, a educação, o comércio, os serviços, o setor financeiro, a comunicação, o relacionamento interpessoal, enfim, o que nos rodeia. Como é possível fazer com que este valioso recurso esteja à disposição, principal-

mente da classe popular, para que esta possa ampliar conhecimento; e de todos os países, principalmente os mais pobres, para que ascendam em ciência, tecnologia, informática, educação – pilares fundamentais para sair da pobreza e passar para um outro nível de desenvolvimento? Neste sentido, Teixeira (2002), discutindo as implicações da Internet enquanto tecnologia social e suas potencialidades para minimizar as situações de exclusão e divisão social, produto de expansão desigual da sociedade da informação, assinala que todas as iniciativas no sentido de democratizar o acesso à Internet têm importância e mostram-se urgentes para a formação dos indivíduos na sociedade de informação. É igualmente oportuno que, paralelamente à construção de “quiosques” de acesso público, seja desenvolvido um processo maciço de conexão à rede do setor educativo público e privado “...A Internet pode constituir-se numa fonte aliada no processo de democratização e de construção do conhecimento na medida em que possibilita fazer de cada escola um ambiente significativo de produção coletiva do saber e um elo interativo de comunicação entre os indivíduos” (p.83).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, L. L. Edutec, uma rede de amigos. Novas formas de socialização e relações através da internet. In: MERCADO, L. P. L. (org) Novas tecnologias na educação: reflexão sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.
- ARMSTRONG, A.; CASEMENT, C. A criança e a máquina: como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BADEJO, M. L. A Internet é o limite. *Pátio*. Porto Alegre, v. 5, n. 17, p. 48-50, maio/jun. 2001.
- BASSANI, P. B. S. A necessidade de uma sociedade que saiba conviver: a contribuição da Internet e da interdisciplinaridade. *Revista de Estudos*, Novo

Hamburgo, v. 23, n. 1-2, p. 15-28, jul./dez. 2000.

- BERNHEIM, C. T. Implicaciones de la Declaración Mundial sobre la Educación Superior para la Universidad Latinoamericana en el siglo XXI. *Educação Brasileira*, Brasília, v. 22, n. 44, p. 79-112, jan./jun.2000.
- BRAGA, Denise B. A constituição híbrida da escrita na Internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção de hipertextos. Leitura teoria e prática. *Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil*, v.18, n.34, P. 23-29, dez./1999.
- BRANDÃO, Helena. Introdução à análise do discurso. São Paulo: Unicamp, 1995.
- CARVALHO, R. Mau uso da Internet sabota estudo. *Zero Hora*, p. 4, 24 de maio de 2002.
- CAUDURO, M. T. Internet na educação: uma alternativa docente. *Revista de Estudos*, Novo Hamburgo, v. 20, n. 1-2, p. 28-35, jan./dez. 1997.
- DRUCKER, P. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1993.
- EISENBERG, J.; CEPIK, M. (org) *Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- FOINA, A. G. Métodos de obtenção de dados quantitativos na Internet: o uso da Rede como fonte de dados empíricos. *Educação Brasileira*, Brasília, v. 22, n. 44, p. 155-166, jan./jun.2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HEIDE, A.; STILBORNG, L. *Guia do professor para a Internet*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- KORTEN, D.C. *O mundo pós-corporativismo: vida após o capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LAMPERT, E. *Experiências inovadoras e a tecnologia educacional*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

- LAMPERT, E. Internet y los mayores. *Senda Senior*, Madrid, v.3, n. 26, p. 54-56, oct. 2002.
- LAMPERT, E. *Universidade na virada do século 21: Ciência, pesquisa e cidadania*. Porto Alegre: Sulina, 2000 a .
- LITWIN, E. A educação em tempos de internet. *Pátio*, Porto Alegre, v.5,n. 18, p.8-11, ago./out. 2001.
- LÜCK, H. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MAÇADA, D. L. et al. Educação matemática na Internet. *Informática na educação: teoria/prática*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 43-60, out., 1998.
- MAGDALENA, B. C., COSTA, I. E. T. *Internet em sala de aula: com a palavra, os professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MARQUES, A. C.; CAETANO, J. S. Utilização da informática na sala de aula. In: MERCADO, L. P. L. (org) *Novas tecnologias na educação: reflexão sobre a prática*. Maceió: EDUFAL, 2002.
- MERCADO, L. P. L. A internet como ambiente de pesquisa na escola. in: MERCADO, L. P. L. (org) *Novas tecnologias na educação: reflexão sobre a prática*. Maceió: EDUFAL, 2002.b
- MERCADO, L. P. L. Formação docente e novas tecnologias. In: MERCADO, L. P. L. (org) *Novas tecnologias na educação: reflexão sobre a prática*. Maceió: EDUFAL, 2002.
- MORAES, D. A ética comunicacional na Internet. *Revista de ESPM*, 22-31, fev. 2000.
- MORAN, J. M. Comunicação e Internet para uma nova educação. *Comunicação & Informação*. Goiânia. V. 1, n. 2, p. 234-246, jul./dez. 1998
- MORIN, E. KERN, A. B. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PALÁCIOS, M. Educação na Internet. *Revista de Comunicação & Educação*, São Paulo, n.6, p. 35-40, maio/ago. 1996.
- PIRES, Vera Lúcia. As três épocas da análise do discurso. In: PAULA, M. R. B. de; PARAENSE, S. C. L. Santa Maria: UFSM, 1998. p. 83-97. (Coleção Ensaio; n.1)
- RAPOSO RIVAS, M. La tecnología informática al servicio de la educación. *Innovación educativa*, Santiago de Compostela, n.11, p. 189-2000, 2001.
- SACRISTÁN, J.G. *Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania*. Porto Alegre: artmed, 2002.
- SANGRÀ, A. Enseñar y aprender en la virtualidad. *Educar*, Barcelona, n.28, p.117-131, 2001.
- SILVA, A. C.; CLAVERIA, A. V. Exploração e construção dos conhecimentos em redes telemáticas. *Coletânea*, PG, Porto Alegre, v. 4, n. 11, p. 60-68, mar/abr., 1997.
- SILVEIRA, P. Internet, gobierno y sociedad. *Relaciones*, Montivideo, n. 208, p.20-3, set. 2001.
- SOUZA, M. A. Internet: a rede global, *Ensaio APB*, n. 28, mar. 1996.
- STUMPF, I. R. C. *El uso de la Internet en la investigación universitaria: el caso de la UFRGS*. Cuba, I. R. C. S. 1997.
- SUNDIN, E. As crianças online: a participação das crianças na Internet. In: CARLSSON, U.; FEILITZEN, C.V. *A criança e a mídia: imagens, educação, participação*. São Paulo: Cortez/Unesco, 2002.
- TEIXEIRA, A. C. *Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social*. Passo fundo: UPF, 2002.
- TEIXEIRA, C. M. S.; SCHIEL, U. A Internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. *C. Inf.*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 65-71, jan./abr. 1997.

THUMS, J. Cola online e ética no conhecimento. *Zero Hora*, p. 5, 24 de maio de 2002.